

CEDI - P.I.B.
DATA 31 DE 90
CCB. GND 0784

19. 12. 90

NSL

Regina Siqueira
Chefe de Assessoria
Secretaria do Meio Ambiente/PR

AO GERENTE DE
PROJETOS, SÍLBENE DE
ALMEIDA, PARA TOMAR
CIÊNCIA E RESPONDER NO
ÂMBITO DA COMPETÊNCIA DA
SEMAM. BSB 20.12.90

Jorge Miles da Silva
Jorge Miles da Silva
Assessor Especial
SEMAM/PR

Jorge,

Estive na A.I. Ocoí em setembro último (anexo fotos e impres-
sões da visita à área). Acredito que não se caracteriza em desmatamen-
to a venda de algumas árvores que se encontravam na área de roça e que
seriam queimadas. Nesta época, uma revista semanal regional (anexo có-
pia da matéria) havia denunciado esta transação e ouvi do índio sua in-
dignação. Ele me disse que na verdade vendera a madeira da roça, que de
qualquer modo seria queimada, a preço irrisório para comprar sal, óleo,
açúcar e outras necessidades imediatas.

Sugiro que a SEMAM solicite ao órgão ambiental do Estado do Pa-
raná- SUREMA, que proceda a análise da água do reservatório dentro da
A.I. Ocoí, análise da água das cisternas às margens do reservatório que
os índios usam para beber e também verifique se há o uso de agrotóxicos
e se são corretas as práticas agrícolas que se realizam nas terras áci-
ma da área indígena e que a circunscrevem.

E ainda, interceda junto à Itaipu e à Funai para que busquem
uma nova terra para os índios de acordo com suas necessidades, mais há-
bitável e justa.

BSB, 23/01/91

Sílbene de Almeida

PEIXE FORA D'ÁGUA

A água colocada, as ilhas falsas, réstia de uma mata ciliar ao igarapé Ocoí e que hoje contorna as águas represadas do lago de Itaipu, envolvida por plantações de soja, trigo e milho, a Área Indígena Ocoí é uma terra artificial de índios "assentados".

O índio, o homem natural, símbolo da interação homem-natureza, neste lugar é incongruente e desconfortante.

É um golfo de água parada, com paliteiro de árvores mortas, uma água vermelha e barrenta, circundada por uma pequena mata ciliar.

Em alguns pontos esta mata chega a 500 metros, outros 200 metros de largura. A área indígena está na faixa de segurança do reservatório. É o único agrupamento humano à beira do reservatório.

Foi uma visão constrangedora ver uma índia lavando, ou melhor tingindo sua roupa nas águas vermelhas barrentas do lago. Os índios usam esta água para lavar roupa e banhar. Dizem que dá muita coceira. Já reclamaram à Itaipu, mas, dizem os índios, ela sempre alega que esta coceira eles trouxeram do Paraguai.

Para beber e cozinhar, usam água de pequenos poços cavados numa distância de 05 a 08 metros do reservatório. Não há exames da água dos poços, nem monitoramento da água do reservatório.

Há uma pequena ilha, onde estão a casa do ritual e a casa do João Centurião. Aí, mais ao largo do reservatório, a água é violenta e batia nas margens como um mar, comendo a terra, deixando as raízes das árvores nuas. Esta mesma ilha não é mata, e sim capoeira de antigas terras agrícolas que sobressaíram da inundação. Nesta ilha, o índio Pedro nos mostrou esteios de suas antigas casas dentro do lago que foram feitas quando foram ali assentados pela Itaipu, e que a água erodiu.

Os índios têm canoas de tábuas que eles mesmo fazem e usam para irem de uma casa à outra ao longo do golfo.

Os índios resistem a qualquer projeto que não tenha como objetivo tirá-los deste local. É desumano e insalubre a área que estão morando.

Não aceitam qualquer projeto de educação (chegaram a queimar o prédio da escola que a Itaipu construiu), desenvolvimento agrícola, etc. como forma de resistência.

Querem outra terra, no Paraná ou Mato Grosso do Sul. Foi lhes apresentado uma terra em Três Barras, perto de Cascavel, e gostaram. Disseram que a terra foi invadida por sem-terras e não houve prosseguimento na sua aquisição. Soube que hoje os posseiros já a abandonaram.

Mantêm contatos (parentes, afins) com as aldeias: Krito Nuevo e Karaimi no Paraguai, Porto Iguazu na Argentina, Bracuí, Ubatuba-São Paulo, Aracruz no Espírito Santo e Caiowa no Mato Grosso do Sul.

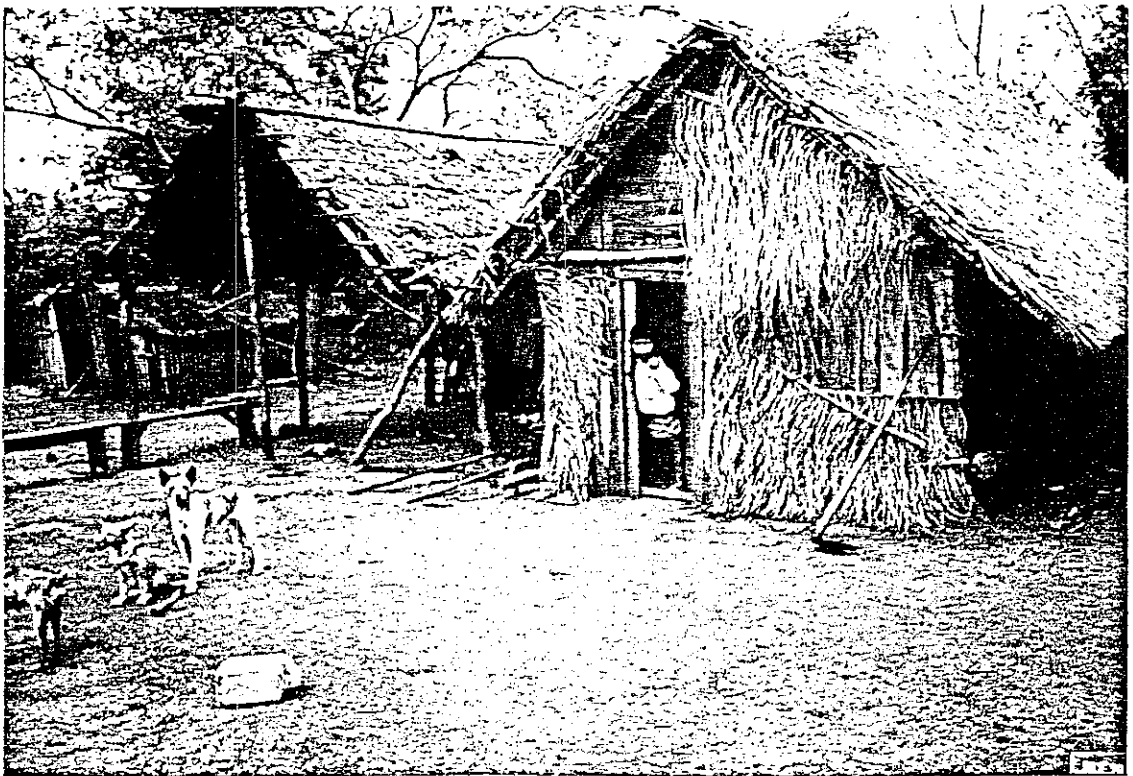
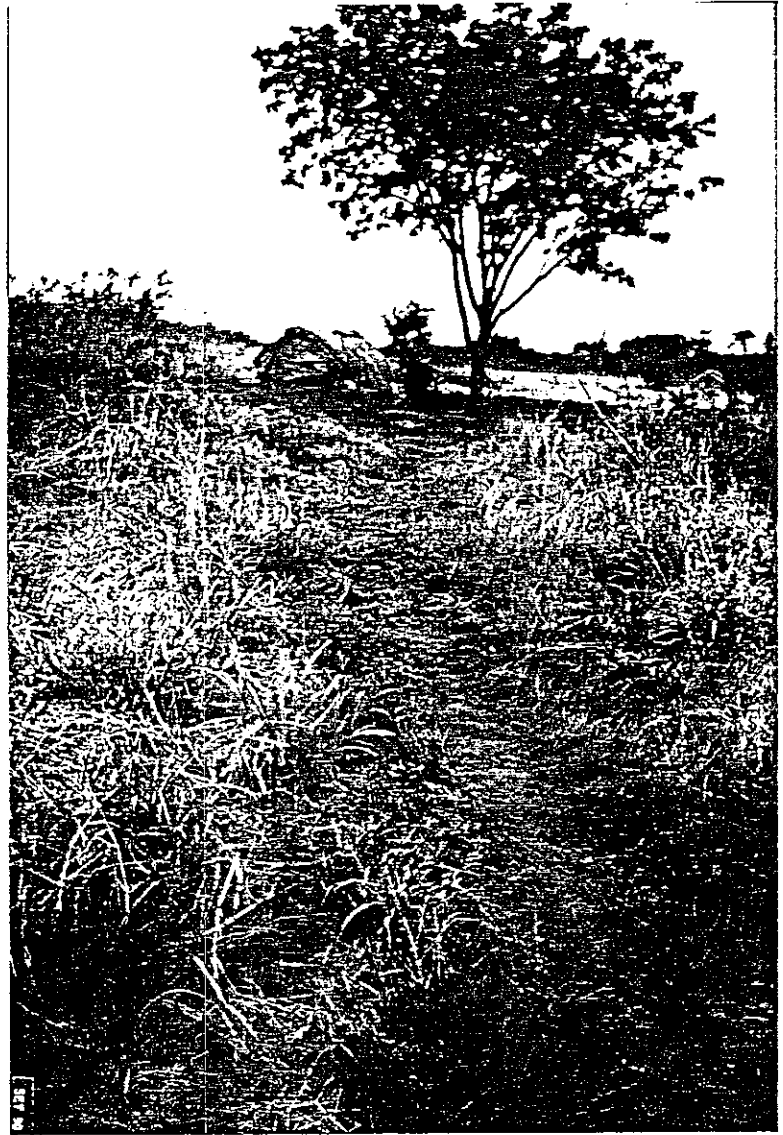
Os índios nos disseram que os índios do Paraguai são da mesma comunidade. Moravam na barranca do Rio Paraná, e que estavam de um lado ou outro, Brasil ou Paraguai, conforme a situação de cada País.

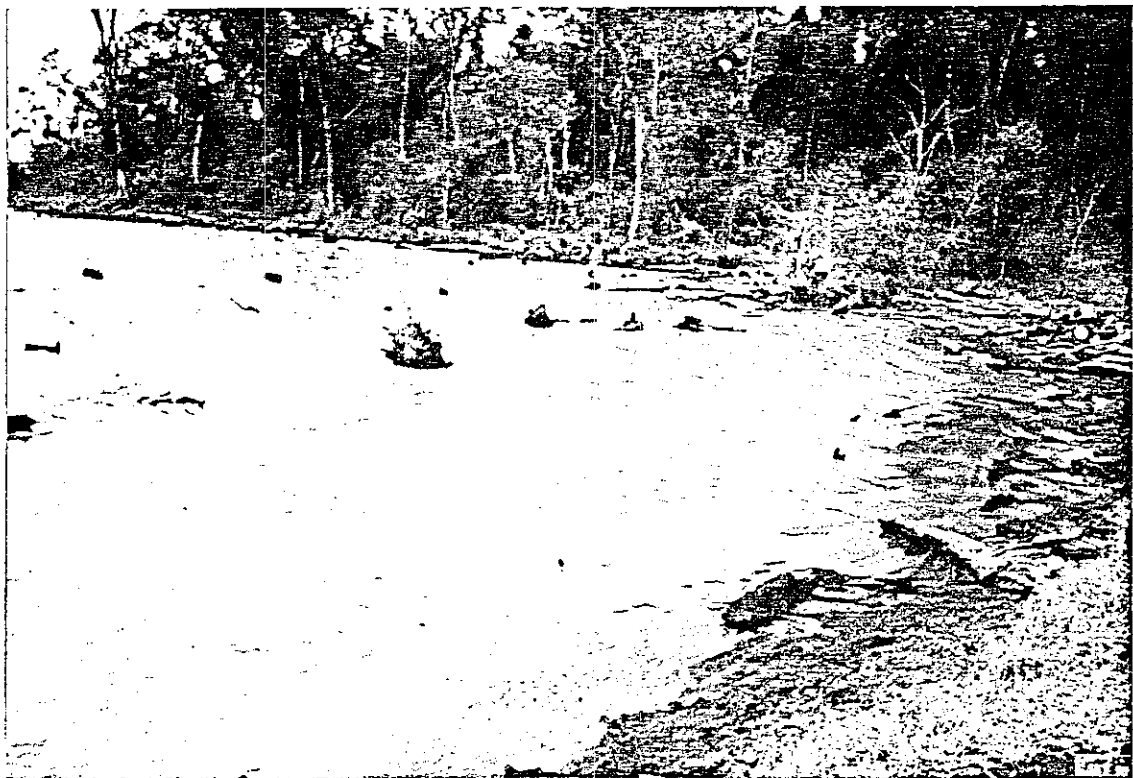
Certo é ser a Área Indígena Ocoí uma região que faz parte do território-corredor-mítico dos Guarani em sua busca à terra dos sem males. Mas, após a inundação de sua região tradicional à beira do Rio Paraná pela Itaipu, não é justo, muito menos salutar, que lhes tenham "colocado" aí. É possível outro lugar?



Sílbene de Almeida

Setembro /90









Uma aldeia em crise

Os guaranis do Ocof estão sem saída: a terra é pouca e não existe outra

Não são muito animadoras as perspectivas de futuro da aldeia de índios guaranis situada às margens do lago de Itaipu, na localidade de Ocof, Município de São Miguel do Iguçu. Numa área de 241 hectares, vivem 36 famílias, ou cerca de 180 pessoas, segundo Valderico Ferreira, funcionário da Funai que há quatro anos é responsável pelo Posto Indígena do Ocof. Mas o cacique Pedro Alves, cujo nome em língua guarani é bem outro, diz que a comunidade é formada por cerca de 300 pessoas. Na verdade, é difícil uma estatística precisa, porque a população da aldeia é bastante flutuante, com característica nômade. Muitos desses índios se deslocam frequentemente entre tribos aparentadas que estão no Paraguai, na Argentina e na reserva indígena de Manguieirinha, interior do Paraná.

Por ora, os guaranis do Ocof não enfrentam grandes dificuldades de sobrevivência, mas seu futuro é nebuloso porque a população da aldeia cresce constantemente mas não tem para onde se expandir. Eles tiveram sua área original tomada em grande parte primeiro pelos brancos e depois foram desapropriados pela Itaipu Binacional no pouco de terra que lhes restava. Sustentam os índios que eram donos de 1.500 hectares, mas Itaipu lhes destinou, no reassentamento, 241 hectares. Eles continuam reivindicando os 1.500 hectares e querem área coberta de floresta nativa. Uma área assim, porém, não existe na região. Itaipu já mostrou disposição de destinar aos guaranis uma gleba no Mato Grosso do Sul, mas eles não aceitam a transferência para não se desvincular

das suas origens e das aldeias com quem têm parentesco no Paraguai, na Argentina e na região de Manguieirinha.

CHIQUEIRO – Então, sem fronteiras por onde se expandir, mais adiante sofrerão estrangulamento, e a saída inevitável será



Guaranis do Ocof: a população cresce, mas a aldeia não tem para onde se expandir

uma integração cada vez mais completa com a civilização branca, assimilando principalmente seus métodos de produção. É nessa direção, aliás, que trabalha a Funai na reserva indígena. O funcionário Valderico Ferreira está agora, por exemplo, orientando a instalação pelos índios de um chiqueiro para a criação de porcos. A introdução desse animal na aldeia já se deu através de algumas famílias, com bons resultados, a exemplo do que aconteceu também com vacas leiteiras. Eles precisam enfrentar o desafio da própria sobrevivência, que, no

sistema indígena tradicional vai ficando cada vez mais difícil, pois a área para exploração é limitada e seus recursos se esgotam rapidamente.

OESTE esteve na aldeia do Ocof e encontrou o cacique Pedro Alves plantando milho numa clareira que abriu no meio da mata. Ele cortou um hectare de mata, vendeu a madeira, ateou fogo no que restou e agora planta milho, mandioca e feijão. Mas o cacique, embora exibisse vigor físico na tarefa, queixou-se de que falta comida para os índios e há muitas doenças entre

eles. E, como faz invariavelmente, queixou-se de que "a Funai não ajuda índio". Para ele, isso significa que a Funai não dá comida, não dá dinheiro.

A Funai não dá mesmo. De outra forma, estaria tornando os índios dependentes de ajuda externa e assim iriam perdendo totalmente a capacidade de garantir a sobrevivência por suas próprias forças. Valderico, um auxiliar de enfermagem, se dedica principalmente à saúde dos guaranis do Ocof e a orientá-los na melhor utilização dos recursos naturais disponíveis.

TOMBINI instalações comerciais

sofisticação em projetos exclusivos

- Projetos e orçamentos s/ compromisso.
- Qualidade e durabilidade na linha dos expositores para lojas, farmácias, supermercados etc.
- O que há de melhor no ramo da marcenaria comercial.

CASCADEL
Av. Brasil, 7.943
Fone (0452) 24-2490

TOLEDO
Av. Tiradentes, 138
Fone (0452) 52-1822

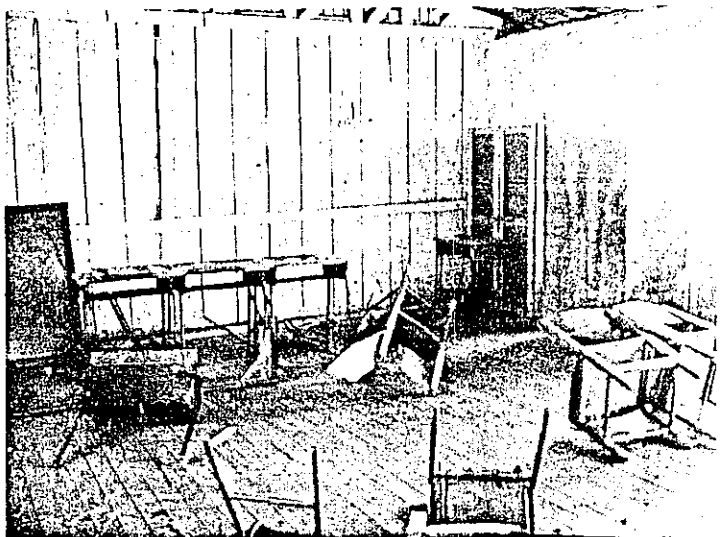
PALOTINA
Fone (0446) 49-1960

TOMBINI
Equip. p/ escritório

TOMBINI
Informática

TOMBINI
Eletrônica

TOMBINI
Instalações Comerciais



A escola, depredada pelos próprios índios, e a madeira pronta para ser vendida ilegalmente

CIVILIZAÇÃO – O processo de perda de identidade, que se dá por força das limitações que obrigam os índios a assimilar a cultura dos brancos, é um lado especialmente doloroso para eles. Por isso resistem como podem. E se revoltam quando se vêem invadidos por elementos de civilização estranhos à sua cultura.

Exemplo disso é a escola que a Funai instalou na aldeia. Os índios, depois de um pequeno período de aulas, expulsaram a professora e depredaram a escola. Entretanto, eles precisariam de noções básicas ao menos de língua portuguesa e aritmética, para poderem se defender no contato com os brancos, observa Valderico. Muitos deles, em épocas de plantio e colheita, trabalham como bóias-frias nas fazendas dos agricultores da área, e o dinheiro é uma preciosidade também para os índios que vivem nas condições dos guaranis do Ocof.

Nos últimos tempos, para conseguir algum dinheiro, passaram a cortar árvores da reserva florestal e vendê-las a madeireiros que, além de transgredir a legislação, logravam os índios. Na roça onde o cacique plantava milho, há enormes toras de angico prontas para embarcar para a serraria, mas o dono diz que suspendeu a venda e o corte de árvores porque o comprador não paga. Segundo o funcionário da Funai, porém, o motivo é outro. O corte e a venda da madeira foram, sim, suspensos pela interven-



Cacique Pedro Alves

ção da Polícia Federal, que ainda indiciou em inquérito os compradores, devendo estes responder a processo na Justiça Federal. **SAÚDE** – Apesar dos contratemplos, da

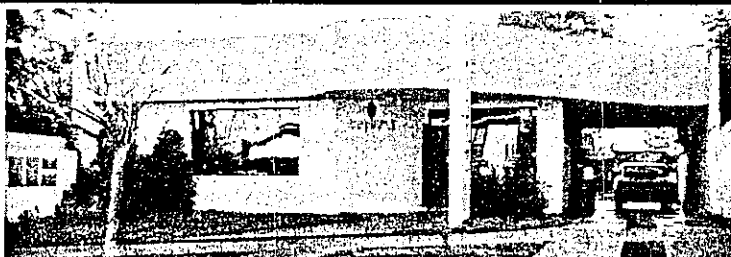
fome e da falta de ajuda da Funai, de que se queixa o cacique, os índios do Ocof apresentam boa saúde. Valderico Ferreira dá como indicativo disso a longevidade, que entre aqueles índios está na faixa dos 70 anos, algo próximo dos índices dos povos mais desenvolvidos. Abortos e natimortos quase inexistem na aldeia.

A malária, que tem sido um grande tormento para os índios, agora está sob controle, conforme garante Emílio dos Santos, funcionário da Sucam que há três anos faz plantão permanente na aldeia. Emílio mora na Vila Santa Rosa, como funcionário da Funai, distante da aldeia cerca de cinco quilômetros. Com uma moto, Emílio visita quase diariamente os índios para manter a malária sob controle e apresenta resultados positivos. Ao contrário de anos anteriores, quando ocorriam dezenas e dezenas de casos de malária, neste ano só ocorreram sete, garante Emílio.

E agora, faz mais de três meses que não se verifica um só caso de malária na aldeia. Nisso concorre o fator clima, pois no frio o mosquito anofelino, transmissor da doença, praticamente desaparece. Mas no resultado positivo conta, sem dúvida, também o trabalho do funcionário da Sucam, que a cada três meses faz a borriificação em todas as palhoças. De resto, os índios são freqüentemente castigados por gripes infernais, mas isso não é nenhuma exclusividade. As gripes são muito bem conhecidas e sofridas igualmente pelos que os índios conhecem genericamente por "brancos".

Juvêncio Mazzarollo

cetovel CLÍNICA DE TOMOGRAFIA COMPUTADORIZADA DE CORPO INTEIRO DE CASCAVEL



CRÂNIO – ÓRBITAS – OUVIDOS – HIPÓFISE – PESCOÇO – COLUNA VERTEBRAL – TÓRAX – ABDÔMEN – PELVE – EXTREMIDADES

RUA SOUZA NAVES, 1.072 – FONE 24-4780 – CASCAVEL



DATACENTER
PROCESSAMENTO DE DADOS

Rapidez - perfeição - sigilo absoluto

- Contabilidade - C. Monetária - F. Pagto - Mala Direta
- L. Fiscais - Estoque - Lista Preço.

QUALIDADE EM
PROCESSAMENTO DE DADOS

Fone 24-6847 - Av. Brasil, 2280
Cascavel - Paraná